

Discurso do Conselheiro Severino Otávio ao receber, na Câmara Municipal, o título de Cidadão do Recife.

Senhor presidente
Senhores vereadores
Minhas senhoras e meus senhores

Permitam que as minhas primeiras palavras aqui desta tribuna sejam de agradecimento a todos os senhores que compõem esta Casa, pela outorga deste título, e particularmente ao vereador Fred Oliveira, que foi o autor da proposição.

Antes de agradecer-lhes, meus caríssimos vereadores, pela concessão desta honraria, gostaria de falar um pouco sobre mim, e logo depois sobre o Recife que acaba de me acolher como um de seus filhos.

Pertenço a uma geração que teve o privilégio de vivenciar diferentes fases de nossa história. Vim ao mundo precisamente em 02 de março de 1945, na minha querida cidade de Bezerros, quando a humanidade se digladiava naquele episódio de triste memória, que foi a segunda grande guerra.

Aos 14 anos de idade, lá se ia eu para o município de Garanhuns ser mais um discípulo, no tradicional Colégio Diocesano, do rigor moral e intelectual do monsenhor Ademar da Mota Valença.

O namoro entre mim e o Recife só iria se dar em 1962, quando aqui cheguei como retirante para cursar o segundo grau no colégio Padre Félix.

E assim, meio dividido entre a capital e o agreste, fui ficando um pouco aqui, porém com o pensamento também lá. Bacharelei-me em 71 na Faculdade de Direito de Caruaru. Fui escrevente de cartório, professor e depois diretor do Ginásio São José, de Bezerros, onde se revelaria finalmente a minha vocação para a vida pública.

Fui eleito para a Câmara de Vereadores e para prefeito do Município, na memorável campanha de 1972.

Naquela época, como sabem todos os senhores, vivíamos um período de restrições às liberdades públicas e individuais. Eu, embora fosse filiado ao partido que sustentava as forças políticas vitoriosas na Revolução de 64, jamais transigi com a violência, a falta de liberdade e a censura. Por isso mesmo, graças a Deus, eu estou em paz com a minha consciência.

À frente da Prefeitura de Bezerros, procurei fazer tudo o que eu entendo deva ser a obrigação de todo e qualquer administrador público: uma gestão democrática, transparente e participativa.

Voltei para o Recife em 77, já na condição de ex-prefeito, para dar seguimento à trajetória pela qual eu havia me inclinado: a vida pública.

Aqui eu fui delegado de menores e diretor da Secretária de Justiça.

Já me sentia naquela ocasião um servidor público realizado. Alguém que já tivera a oportunidade de servir a sua terra, como vereador e depois prefeito.

Mas, meus caros amigos vereadores, a vida pública é uma caixa de surpresas. Às vezes a gente quer seguir por um caminho e ela nos conduz por outro, quase que compulsoriamente.

Foi precisamente isto o que me aconteceu em 78.

Convocado inicialmente pela minha terra, e depois incentivado pelo amigo e hoje senador Carlos Wilson Campos, para candidatar-me a uma cadeira na Assembléia Legislativa do Estado, aceitei de pronto o desafio.

Fui eleito neste ano e depois reeleito em 82.

Em meus oito anos de mandato, conheci pessoas formidáveis. Tive a honra, por exemplo, de privar da amizade do deputado estadual Osvaldo Rabelo, de saudosa memória. De exercer a vice-liderança na Assembléia Legislativa desse homem público íntegro, que orgulha todo o Pernambuco, que é o prefeito Roberto Magalhães.

E, como delegado da Assembléia Legislativa, participar da última eleição indireta para presidente da República, em 15 de janeiro de 1985, votando na chapa da Aliança Democrática que elegeu Tancredo Neves e José Sarney.

Então, depois de todos esses episódios, a que mais poderia aspirar aquele jovem estudante de Bezerras que veio para cá em busca de sonhos? Absolutamente nada.

Mas aí, conforme dissemos no início, o homem público digno deste nome jamais é dono do seu destino.

Em mil novecentos e oitenta e seis, quando estava prestes a concluir o meu segundo mandato de deputado, o governador Roberto Magalhães me fez um convite para integrar o Tribunal de Contas do Estado. Essa instituição às vezes pouco compreendida, que presta tantos e relevantes serviços à democracia e ao bom uso dos recursos públicos. Fui seu vice-presidente, presidente e corregedor. E nunca me canso de exaltar as excelências do seu quadro técnico. A correção dos seus conselheiros. A sua importância para um regime democrático, em que os interesses da população devem se sobrepôr a quaisquer outros.

Essa foi, meus senhores e minhas senhoras, em linhas gerais, a minha trajetória pública em razão da qual, suponho agora, esta Casa outorga-me hoje o honroso título de cidadão.

Pediria licença a todos para falar um pouco das minhas impressões sobre esta bela cidade maurícia. Esta Veneza brasileira cantada e decantada em versos por poetas de todas as idades. De todas as origens. De todos os credos. De todas as raças e de todas as línguas. Aqui nesta Casa de José Mariano não existem

fronteiras de partidos.

Aliás, faz parte da tradição de todos os parlamentares secundarizar ideologias, interesses individuais ou de classe. O que se leva em conta é a instituição. A vontade coletiva. A representação popular. Isso é o que dá força à instituição e o que engrandece os seus integrantes.

Joaquim Nabuco, o pernambucano mais ilustre do século passado, traçou em página memorável o que faz a beleza do nosso torrão: "Em primeiro lugar", disse ele, "o céu, que muda a cada instante. Leve, puro, suave. Onde as nuvens parecem ter asas. Depois, o mar verde, vibrátil, luminoso. As areias tépidas e cobertas de relvas. Os coqueiros que se erguem, de um brilho metálico e dourado, com que parecem ao longe sacudir as nuvens brancas".

Tinha razão o nosso Nabuco. Aqui neste torrão pernambucano forjou-se a luta pela independência. De que todos nós nos orgulhamos muito.

Tobias Barreto, que empresta o seu nome a esse templo inigualável do saber jurídico, que é a Faculdade de Direito, aqui ao lado, ao chegar ao Recife em 1862 percebeu de imediato a sua vocação liberal. O seu inesgotável manancial de idéias. A sua incomparável beleza natural. E a saudou com esses versos:

"É a cidade valente
Brio da altiva nação
Soberba, ilustre, candente
Como uma imensa explosão
De pedra, ferro e bravura
De aurora, de formosura
De glória, fogo e loucura,
Quem é que lhe põe a mão?"

Se eu, meus caríssimos vereadores, já me considerava recifense, hoje passo a integrar também o rol dos que se tornaram, pela vontade dos senhores, filho de fato desta terra. Terra abençoada de Manoel Bandeira. De Gilberto Freire e de Joaquim Cardozo. Da pernambucaníssima Rua da Aurora. Do Cais de José Mariano, Dos Fortes do Brum e das Cinco Pontas, onde o mais patriota de todos os patriotas pernambucanos, Frei Joaquim do

Amor Divino Caneca, foi arcabuzado no altar da Pátria.

Terra abençoada de Cícero Dias, um dos maiores pintores deste século. Do Teatro de Santa Izabel. Do Mercado de São José. Da praia de Boa Viagem. Das Ruas da Saudade, do Sossego e da Angustura. Do Futuro e da Hora. Das ruas das Flores, do Sol e da Harmonia.

É este o Recife do meu tempo, que aprendi a amar e a admirar, e que a partir desta tarde inesquecível de 20 de novembro de 1997 passa a morar definitivamente no mais profundo do meu coração.

Sou particularmente grato a Vossa Excelência, vereador Fred Oliveira, por ter sugerido aos seus pares a concessão desta honraria.

Agradeço também ao presidente Romildo Gomes e aos componentes da Mesa Diretora, enfim a todos aqueles que decidiram soberanamente me fazer a outorga deste título, convencido de que, enquanto for vivo, não o deslustrarei em momento algum.

Agora, que já posso me considerar cidadão recifense, gostaria de dividir esta homena-

gem com meu pai Ubirajara Rapôso, com minha mãe Maria de Lourdes, de saudosa memória, com minha esposa Maria Maurinte e com meus filhos, Rodrigo Otávio, Ubirajara Neto, Gustavo Henrique e Flávia Maria e com o meu irmão Ubirajara Filho, "Birinha" cuja vida foi ceifada prematuramente por obra e graça dos desígnios de Deus, com o Sport Club do Recife, uma das paixões de minha vida, com os meus conterrâneos de Bezerros, grandes incentivadores de minha vida pública, e com todos os recifenses que lutaram e morreram pela liberdade.

E, para terminar, meus ilustríssimos convidados, eu exaltarei a minha cidade do Recife com esta célebre interrogação do jornalista Aníbal Fernandes, motivo de orgulho de todos nós:

"Que outra cidade brasileira, em menos de meio século, faz três revoluções libertárias?"

Muito obrigado, Recife.

Muito obrigado também, ilustre Câmara de Vereadores.

Recife, 20 de novembro de 1997.